

TRAJETÓRIA DE TRÊS GERAÇÕES DE MENINAS, MULHERES ADULTAS E DE VELHA: AS EXPERIÊNCIAS DAS PRÁTICAS CORPORAIS E ESPORTIVAS¹

Caroline De Bearzi².

¹ Projeto de Pesquisa Realizado no Curso de Educação Física - Licenciatura Unijuí

² Bolsista Cnpq, Aluna do Curso de Educação Física Licenciatura Unijuí

INTRODUÇÃO

A diferença biológica é apenas o ponto de partida para a construção social do que é ser homem ou ser mulher. O sexo é atribuído ao biológico e enquanto gênero é uma construção social e histórica. A noção de gênero aponta para a dimensão das relações sociais do feminino e do masculino (NOGUEIRA et al., 2008, p. 4).

De acordo com Nogueira et al. (2008, p. 4), “a expressão gênero começou a ser utilizada justamente para marcar as diferenças entre homens e mulheres não são apenas de ordem física e biológica”. As questões de gênero estão presentes na maioria das situações do dia a dia, como, por exemplo, no modo de se vestir, cores e formato das roupas, na divisão de funções, entre outros. Esta diferença sexual não pode mais ser vista separada das construções socioculturais em que estão imersas. Gênero classifica e/ou diferencia o ser homem do ser mulher, as distinções entre os dois sexos, as atitudes e suas relações cotidianas perante as práticas culturais. Os termos gênero e cultura relacionam-se pelas diferenças culturais corporalmente distintas, pois o homem, historicamente, em alguns momentos, exerceu papel primário nas relações de gênero fazendo com que a mulher desempenhasse o papel secundário, como no caso dos esportes. Para Goellner (2012, p. 50), portanto,

Os estudos sobre masculinidades, por exemplo, ainda são incipientes, e os existentes estão direcionados a uma masculinidade hegemônica, na qual atributos viris são reconhecidos e incentivados. (...) o corpo do homem parece ser incapaz de protagonizar uma estética corporal tradicionalmente associada a uma exclusiva prática feminina.

As práticas corporais e esportivas historicamente foram consideradas uma característica bastante generalizada do ethos masculino. Nesta pesquisa buscamos articular a dimensão corporal das práticas esportivas e sua dimensão de gênero. O feminino tradicional não corresponde à figura do esportista. Por isso nos interessou estudar a história das mulheres (os modos) que vivenciam o

Modalidade do trabalho: Relatório técnico-científico
Evento: XXII Seminário de Iniciação Científica

conflito (ou não) de sua posição social de ser mulher de ter o corpo esportivizado ou ser atrela. Perguntamos: Não podemos ser as duas coisas?

O objetivo deste estudo foi o de analisar a trajetória de três gerações de meninas, mulheres adultas e de velhas, e suas experiências nas práticas corporais e esportivas a partir da sua memória. Buscamos compreender, a partir das narrativas, os processos de iniciação, de inserção e de atuação no universo das práticas corporais e esportivas, identificando os fatos e os fatores que possibilitaram ou dificultaram a inserção. Analisamos os contextos apresentados nas narrativas, suas possíveis implicações com a Educação Física escolar (ou não) e identificamos como o gênero marca o discurso, as experiências e a memória das entrevistadas.

Diante disso, lançamos a seguinte pergunta de pesquisa: Como as mulheres/meninas de classe social C de três gerações diferentes vivenciam as experiências das práticas corporais e esportivas?

METODOLOGIA

Esta pesquisa está situada no campo dos estudos de gênero e educação e é do tipo estudo de caso, exploratório qualitativo, quando as entrevistas foram realizadas em profundidade com três mulheres situadas em diferentes gerações. Como ferramenta para a exploração de dados, optou-se pela análise das trajetórias dos sujeitos entrevistados. Trajetória pode ser entendida como um percurso biográfico. Este percurso é transmitido por meio da história oral, que tem como propósito registrar o relato do passado por intermédio de narrativas. É, portanto, uma produção intencional de fontes nas quais está descrita a temporalidade de um sujeito.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Apresentamos a seguir fragmentos da história de cada uma das mulheres analisadas.

Lurdes, 57 anos, nascida na cidade de Coronel Barros (RS)– aos 7 anos mudou-se juntamente com sua família para o interior de Ijuí (RS). Na sua infância brincava com suas irmãs, pois existe uma grande diferença de idade entre as filhas mulheres e os filhos homens da sua família. Brincavam de roda, esconde-esconde, ovo-choco. Na escola brincava apenas com as meninas, pois naquela época brincadeiras e conversas entre meninos e meninas eram consideradas falta de respeito. Nos horários que ficava em casa ajudava nas lidas da lavoura e da casa. Inicialmente estudou até a 4ª série, mas, posteriormente, já com certa idade, procurou concluir o Ensino Fundamental e Médio na escola de Educação de Jovens e Adultos (EJA), a fim de melhorar suas condições de trabalho. As brincadeiras no ambiente escolar se davam de forma separada – meninos jogavam futebol e meninas brincavam de roda. Em esporádicos momentos a professora colocava meninos e meninas jogarem juntos, no entanto um time de meninas contra um time de meninos; isso fazia com que as meninas saíssem sempre machucadas dos jogos. Hoje suas práticas corporais e esportivas estão voltadas em prol do bem-estar e da saúde para uma qualidade de vida melhor, por isso pratica aulas de ginástica aeróbica nos finais de semana durante uma hora e joga vôlei na metade da semana para encontrar as amigas e descontraí-las.

Modalidade do trabalho: Relatório técnico-científico
Evento: XXII Seminário de Iniciação Científica

Débora, 21 anos, nascida em Cruz Alta (RS) – mora atualmente em Ijuí a fim de concluir o ensino superior e trabalhar. Na sua infância gostava muito de jogar futebol na rua com os primos e vizinhos. Brincava também de pega-pega e esconde-esconde. No Ensino Fundamental, por opção das meninas, jogavam futebol separadamente dos meninos, pois havia muita competição. Quando o professor pedia para que jogassem juntos, formavam um time de meninos contra um time de meninas, no entanto ocorriam muitas discussões, pois as meninas eram muito dedicadas e os meninos não aceitavam perder. Já, no Ensino Médio, podiam optar pela prática de uma modalidade esportiva, por isso praticou handebol por muitos anos. Sempre teve contato com meninos durante toda a sua infância e adolescência. Hoje está um pouco longe das práticas corporais e esportivas em função da falta de tempo, pois estuda e trabalha.

Daniela, 14 anos nascida e moradora de Ijuí – está no 8º ano do Ensino Fundamental. Em casa, no pátio, às vezes joga futebol com a sua irmã mais nova. Suas aulas de Educação Física são mistas, e sempre jogam junto com os meninos. Às vezes praticam um pouco de vôlei, porém a maioria das aulas é de futsal. Gosta de jogar desta forma, e algumas meninas de sua turma não participam das aulas e inventam desculpas para que não precisem jogar ou não vão com roupas adequadas para a prática de esportes. Sempre tem contato com meninos para conversar, fazer trabalhos em grupos ou passeios.

Ao analisarmos as três gerações podemos perceber que, na primeira, tanto no ambiente escolar quanto no familiar havia pouco contato das meninas com os meninos. Há todo um movimento de desenvolver competências e habilidades corporais diferenciadas em meninos e meninas. Os estímulos, cobranças recebidas e expectativas esperadas, contribuem para melhorar ou piorar as aprendizagens corporais e esportivas. A família e a escola são espaços onde o reforço sobre as habilidades de gênero é fortemente estimulado. Será, todavia, que há espaço para intervenção nesse setor? A construção da subjetividade de meninos/homens e meninas/mulheres está atravessada pelas condições de gênero. É uma trama complexa de valores internalizados histórica e culturalmente e que se expressam nos modos de ser e estar no mundo das mulheres aqui estudadas.

Na segunda geração, as brincadeiras em casa já ocorriam de forma mista, entretanto na escola ainda se davam de forma separada por gênero. Na terceira geração não há mais uma separação por gênero tanto na escola quanto na família, pois esta pode conversar, passear e fazer grupos de trabalho com o gênero oposto, algo que jamais aconteceria com a primeira geração.

Podemos analisar também as mudanças com relação às brincadeiras apresentadas nas três gerações. A primeira geração brincava de roda, esconde-esconde e ovo-choco sempre apenas com meninas. A segunda brincava de futebol na rua com os primos e vizinhos, e a terceira geração joga futebol com sua irmã mais nova no pátio de casa. A partir destes discursos podemos afirmar que o futebol está deixando de ser uma prática única e exclusiva para o gênero masculino, e as meninas estão cada vez mais se sobressaindo perante esta prática esportiva.

Ainda podemos perceber que a primeira geração se preocupa com sua saúde e ainda pratica atividades físicas regularmente. Na segunda geração a atividade física foi deixada um pouco de lado em razão dos estudos e trabalho, e na terceira a prática esportiva ocorre com maior frequência no

Modalidade do trabalho: Relatório técnico-científico
Evento: XXII Seminário de Iniciação Científica

ambiente escolar. As três gerações apresentadas tiveram o primeiro contato com as práticas corporais e esportivas no ambiente familiar.

CONCLUSÕES

Investigando as trajetórias das entrevistadas, buscamos identificar como o gênero marca os discursos. Nas análises dos discursos das três diferentes gerações ficam explícitas as mudanças vinculadas em relação ao gênero tanto no ambiente familiar quanto no escolar. É possível afirmar que suas experiências não se dão por acaso, mas estão relacionadas com o momento social, cultural e histórico em que as três gerações estão inseridas.

Por isso acreditamos que, na atualidade, temos ainda de lutar pela igualdade das mulheres nas relações corporais e esportivas. As pesquisas sobre as mulheres e as relações de gênero corpo-esporte assinalam os avanços e também os pontos em conflito, antigos e novos. Por isso a importância de políticas públicas específicas para as mulheres e para o esporte.

Palavras-chave: Experiência das práticas corporais e esportivas. Educação Física. Gênero. Trajetória esportiva.

AGRADECIMENTO

Ao CNPq pelo financiamento e apoio na pesquisa.

REFERÊNCIAS

- NOGUEIRA, J. K. et al. Conceitos de gênero, etnia e raça: reflexões sobre a diversidade cultural na educação escolar. *Fazendo Gênero* 8, Florianópolis, 25 a 28 de agosto de 2008.
- GOELLNER, S. V. Gênero e esporte na historiografia brasileira: balanços e potencialidades. *Revista Tempo*, v. 19, n. 34, 2012.